

Octávio Brandão

**Introdução ao inédito
2º volume de
CANAIS E LAGOAS**

1960



**HISTÓRIA
DE ALAGOAS**

www.historiadealagoas.com.br

2024

Octávio Brandão

**Introdução ao inédito
2º volume de
CANAIS E LAGOAS**

1960

EDITADO POR



MACEIÓ - 2024 - ALAGOAS

Sumário

O CONTEÚDO	04
O 2º VOLUME	06
O PLANO	08
OS OBSTÁCULOS E AS DIFICULDADES	10
AS FALHAS	13
AS REIVINDICAÇÕES SOCIAIS	14
OS PROGRESSOS	17
A ESTAGNAÇÃO	19
A PENÚRIA E O RETARDAMENTO	21
OS GRUPOS SOCIAIS	28
AS REIVINDICAÇÕES	33
O OBJETIVO DETERMINANTE	35
O DESCOBRIMENTO DO BRASIL	37
APELO VEEMENTE E APAIXONADO	39

O CONTEÚDO

Canais e Lagoas é um poema telúrico — um hino de amor à beleza e à grandeza da terra alagoana. Estuda a Terra e o Homem Trabalhador. Protesta contra a miséria e o abandono do povo. Preconiza o Descobrimento do Brasil — o desbravamento da terra, o aproveitamento das riquezas naturais em geral e do petróleo em particular, a valorização das riquezas sociais, morais e espirituais do povo brasileiro, nordestino e alagoano.

Canais e Lagoas procura mostrar a importância da teoria como bússola. A teoria guia a prática. Deve viver em ligação permanente e indissolúvel com a prática. As concepções teóricas têm de acarretar reivindicações e realizações práticas.

Canais e Lagoas aspira a fundir o realismo espontâneo com o romantismo heroico. O realismo mergulha as raízes na realidade viva econômica, política e social. Nada tem de comum com naturalismo, isto é, com a descrição de cenas cruas, grosseiras, eróticas.

Canais e Lagoas procura fundir a ciência com a poesia. A ciência descobre os segredos da vida e do universo, da sociedade e do pensamento. A poesia exalta a beleza magnífica da terra e a grandeza épica do povo. A Natureza é vista com os olhos do poeta e do naturalista.

No presente, o realismo espontâneo de 1917 é insu-

ficiente. Hoje, é preciso inspirar-se no realismo revolucionário e fundi-lo com o romantismo heroico.

O realismo revolucionário é a representação real da realidade, no terreno artístico e literário, sob formas específicas representação viva e fiel, multiforme e *onilateral*, em perene movimento e desenvolvimento, renovação e transformação revolucionárias.

O romantismo heroico chama à luta libertadora. Inspira feitos valorosos.



Octávio Brandão

O 2º VOLUME

C*anais e Lagoas* é a obra de um jovem. O 1º volume foi escrito aos 21 anos de idade. O 2º volume, aos 22 anos incompletos.

O 2º volume de *Canais e Lagoas* foi influenciado pelos cientistas em geral, por Darwin, Humboldt e Euclides da Cunha em particular. Foi também influenciado pelos poetas e pensadores da Índia Antiga, da Grécia Clássica e da Europa Moderna.

O 2º volume canta a poesia da Natureza. Aspira a ser um reflexo real da Natureza que vibra na região dos Canais e das Lagoas. Busca mostrar uma série de processos que têm lugar no seio da Natureza. Portanto, tem um conteúdo inspirado na *dialética*, embora sob uma forma ainda espontânea, em 1918. Apresenta aspectos da geografia botânica. Levanta problemas diversos. Pinta paisagens naturais e sociais. Focaliza reivindicações sociais e nacionais.

A dialética é a doutrina moderna do desenvolvimento universal. Estabelece que tudo se encontra em movimento e desenvolvimento, renovação e transformação — na vida e no universo, na sociedade e no pensamento.

O conhecimento da Natureza é condição para a nova ideologia e filosofia, para a nova interpretação científica da vida e do universo. É o ponto de partida para o verdadeiro descobrimento do Brasil, das suas riquezas

naturais e da sua autêntica industrialização. Impulsiona o desenvolvimento da consciência nacional. Marca uma nova orientação para a arte e a literatura, inspiradas na terra e no povo, no realismo revolucionário fundido com o romantismo heroico.

Canais e Lagoas deveria ter muitos tomos, de acordo com o 1º plano elaborado desde os estudos iniciais e terminado em março de 1918. Mas só foi possível publicar o 1º volume em 1919 e a 2ª edição do mesmo em 1949. O 2º volume ficou inédito até hoje.

A fim de preparar o 2º volume de *Canais e Lagoas*, o autor passou por muitas vicissitudes. Fez penosas caminhadas. Atravessou a nado os canais. Sulcou as lagoas em fúria. Afrontou, várias vezes, o Canal do Calunga. Aí lutou terrivelmente para escapar ao naufrágio e à morte, a 19 de novembro de 1916.

O autor, nas viagens e excursões, atolou-se nos pântanos. Teve paludismo durante anos. Sofreu sede e fome nos tabuleiros. Sedento, bebeu as águas podres do Poço Azul, nascente do Reginaldo. Dormiu ao acaso, quando foi buscar a água do Rio Sumaúma, para fazer pesquisas. Dormiu ao relento, na companhia da terra, ou no fundo das canoas, entre remeiros e pescadores, mariscos dos mangues e mosquitos da maleita.

Nessas viagens, teve como companheiros, simples homens do povo. Quais? Nicolau Bispo da Silva, caboclo dobrado da Serra da Nacéia, em Anadia. Antônio Caititu, pescador palúdico da Bica da Pedra. Francisco Figueiredo, canoeiro curtido da Levada. Manuel Natalício da Silva, um jovem do Pilar, futuro encerador no Rio de Janeiro. Alcides Pimenteira, alfaiate de Viçosa, na viagem ao topo da Serra Dois Irmãos, através da mata virgem.

O PLANO

Tendo em vista escrever o 2º volume de *Canais e Lagoas*, o autor traçou, em 1918, um 2º plano, específico e complementar, que exigia a investigação dos seguintes aspectos e problemas:

Os vegetais cultivados. A contribuição dos vegetais ao progresso e modernização da indústria e da agricultura. Os vegetais que se prestam a finalidades artísticas. Os novos motivos artísticos e literários hauridos no seio dos vegetais.

A complexidade da influência do meio ambiente. As herborizações. As particularidades das mutações e flutuações. As pesquisas especiais da fisiologia vegetal. A geografia botânica brasileira e seus aspectos profundos e complexos. Mapas da vegetação. A teoria de Darwin na botânica brasileira. A sociabilidade vegetal. A luta brutal pela sobrevivência e o auxílio mútuo. A geologia e a paleontologia botânicas. As influências meteorológicas.

A farmácia galênica: infusos, decoctos. A química vegetal: óleos, gomas, resinas, alcaloides. A fármaco-química. Os ensaios toxicológicos. Os ensaios microscópicos. A fitopatologia. A terapêutica vegetal científica. A terapêutica vegetal popular. A bromatologia na botânica brasileira — os alimentos vegetais.

Aspectos históricos. A influência, tanto do tupi e dos outros idiomas dos índios, como das línguas dos negros

africanos, nas denominações botânicas e geográficas brasileiras.

Síntese final. O porvir de Alagoas e sua riqueza vegetal. O futuro esplendor estupendo da nacionalidade brasileira sobre a base do estudo e aproveitamento das suas riquezas naturais.

Tal o 2º plano de 1918.

Infelizmente, apesar de todos os esforços, esse plano não pôde ser realizado.



Octávio Brandão

OS OBSTÁCULOS E AS DIFICULDADES

O autor escreveu o 1º volume de *Canais e Lagoas* em Maceió, em 1917, no fundamental. Terminou o 2º volume, também em Maceió, a 25 de junho de 1918. Guardou o original. Prudente, tirou uma cópia a mão no Rio de Janeiro e terminou-a a 16 de julho de 1919. Não encontrou editor. Revoltado e indignado em face dos reveses do 1º volume, mesmo na 2ª edição em 1949, nunca mais pôde rever o texto.

Fez três tentativas para estudar no Museu Nacional, do Rio de Janeiro, em 1919 e anos seguintes. Queria enriquecer a própria base científica. Desejava aprofundar os problemas. Pretendia corrigir as falhas do livro. O Museu Nacional fechou-lhe as portas. O autor bateu em muitas outras portas. Todas fechadas!

Desde 1917, o autor vinha escondendo inúmeros trabalhos, a fim de evitar as confiscações da polícia política. Eram artigos, estudos, manifestos, livros e folhetos inéditos. Eram materiais preciosos a respeito da região dos Canais e das Lagoas. Quais? Cerca de 50 cadernos de apontamentos escritos durante as viagens. Observações diretas a propósito dos lugares que tinham indícios de petróleo e de outras riquezas naturais. Pesquisas sobre as condições de vida e trabalho das populações, sobre os

índios e os negros (de origem africana direta), o folclore e outras criações populares, o xangô e a língua nagô falada em Alagoas.

A polícia política do governo de Washington Luís descobriu todos esses materiais, no Rio de Janeiro, em 1930. Confiscou-os. Recusou restituí-los, apesar de todos os protestos. Perdas terríveis, definitivas, irreparáveis!

O autor, depois da pretensa “revolução” de 1930, sofreu vários meses de prisão. Tinha desmascarado essa mistificação e combatido a ditadura de Getúlio Vargas — instrumento do imperialismo norte-americano e das mesmas classes dominantes. Solto em fevereiro de 1931, reivindicou a Salgado Filho, chefe da polícia política e futuro senador “trabalhista”, que restituísse os materiais confiscados pelo governo de Washington Luís.

O governo pretensamente “revolucionário”, representado pelo policial Salgado Filho, negou-se brutalmente a restituir os materiais. Fez o autor voltar à prisão, mesmo depois de comunicar-lhe que estava em liberdade. Soltou-o finalmente. Prendeu-o de novo. E deportou-o do Brasil, em 1931. Mais de 15 anos de exílio...

Em tais condições, tornou-se impossível escrever os outros tomos de *Canais e Lagoas*.

O 2º volume salvou-se por acaso. O autor, ao ser deportado, deixou o exemplar original com o sogro, que faleceu. De volta ao Brasil, fez várias tentativas para encontrar o original. Em vão!

A cópia de 1919 acompanhou o autor durante 41 anos. Escapou às confiscações e autos de fé da polícia política do Rio de Janeiro. Escapou à guerra desencadeada por Hitler contra a União Soviética. Escapou às novas perseguições, de volta ao Brasil.

O autor, em razão do pretenso “crime” de pensar e ter ideias progressistas, sofreu tormentos de toda espécie. Prisões e perseguições. Conheceu o desconforto atroz — físico, moral e intelectual. Conheceu a mais profunda solidão e as piores masmorras — a Geladeira na Polícia Central e os velhos cubículos medievais da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Foi obrigado a evadir-se de Alagoas, em 1919, para escapar à morte. Ficou exilado da terra natal durante 41 anos. Teve de afrontar o segundo exílio — mais de 15 anos na Europa. De volta ao Brasil, suportou uma vida de proscrito dentro da própria Pátria, durante 10 longos anos. Só a 7 de maio de 1960, pôde voltar a Alagoas.

Só agora, o autor encontrou as condições elementares, na paz, no silêncio e no conforto moral do Barro Branco — a terra dos antepassados. Aí tomou a cópia de 1919. E fez duas revisões gerais do 2º volume de Canais e Lagoas — 42 anos depois de terminado...

Assim, hoje, só resta publicar o texto de 1918, com as devidas correções literárias. Nada mais é possível fazer!



Octávio Brandão e suas filhas

AS FALHAS

O 2º volume de *Canais e Lagoas* tem uma série de falhas. Quais?

A falta de consolidação da base teórica — filosófica e científica, botânica e geográfica, histórica e sociológica.

Essa consolidação era impossível nas condições adversas de 1918.

A falta de realização do 2º plano, específico e complementar, traçado em 1918. Essa realização também era impossível na época.

As longas enumerações de vegetais. Eram inevitáveis num livro de geobotânica.

A classificação vegetal incompleta.

A incompreensão do papel do imperialismo. O autor limitava-se a denunciar os Estados Unidos como “um tutor” do Brasil. Era algo em 1918, mas insuficiente.

O não aprofundamento da questão agrária, do problema da terra e das sobrevivências feudais.

Tais algumas das falhas do livro — compreensíveis em 1918.

AS REIVINDICAÇÕES SOCIAIS E NACIONAIS

Em 1917, o 1º volume de *Canais e Lagoas* levantou problemas e reivindicações. Quais?

No terreno científico — teórico e prático:

A importância da dialética — a doutrina do desenvolvimento universal — embora seja primitiva e espontânea, e não como a dialética de Marx, rigorosamente científica. A necessidade do estudo profundo e complexo da Natureza brasileira. A fundação de uma universidade para estudar os problemas nacionais.

No domínio da técnica e da ciência:

A extração do petróleo. O aproveitamento das outras riquezas naturais. O auxílio à cerâmica e à arte dos *coroplastas* — confeccionadores de objetos de barro. A dragagem dos Canais e das Lagoas. Os cortes nas curvas, para facilitar a navegação. A desobstrução dos rios. O reflorestamento. A defesa das matas. A proteção às praias. O aterramento dos pântanos. A premunicação contra as inundações.

No terreno social — teórico e prático:

O amor ao Brasil, ao trabalho e à luta. A condenação do atual sistema social como “a causa essencialíssima da miséria do nosso povo”. A condenação dos empréstimos de rapina e promessas falazes dos exploradores estran-

geiros. O Rumo à Terra. A divisão das terras, a necessidade de uma reforma agrária, em proveito dos trabalhadores de enxada. O saneamento geral. A liquidação das moléstias sociais. Uma nova orientação para a literatura brasileira. O auxílio aos intelectuais em geral — cientistas e técnicos, artistas e escritores.

Tais os problemas e as reivindicações levantados em 1917, no 1º volume.

Em 1918, o 2º volume de *Canais e Lagoas* também levantou problemas e reivindicações. Quais?

No terreno científico — teórico e prático:

O conhecimento dos processos dialéticos no seio da Natureza, embora, em 1918, esse conhecimento ainda fosse espontâneo. O conhecimento da essência da Natureza, e não apenas da sua aparência. O seu caráter duplo — uniforme e multiforme, criador e destruidor. A sua exuberância prodigiosa. A correlação entre a vegetação, a composição mineralógica e a formação geológica dos terrenos. A análise da flora das campinas e tabuleiros, capoeiras e florestas. O processo ascensional dos vegetais telúricos — desde a campina e o tabuleiro até a mata, através da capoeira e do capoeirão.

No domínio social — teórico e prático:

Os ensinamentos da Natureza em face do Homem. A tragédia do trabalhador de enxada. Sua libertação. A ciência e a técnica aplicadas à agricultura. A necessidade de máquinas modernas e novos métodos. O reflorestamento e a defesa das matas. A decadência das campinas, tabuleiros e capoeiras, e seu renascimento floral.

Tais os problemas e as reivindicações levantados em 1918, no 2º volume de *Canais e Lagoas*.

Então, a tarefa era resolver esses problemas e realizar essas reivindicações.



Octávio Brandão

OS PROGRESSOS

Rolaram mais de 40 anos. A terra alagoana é sempre bela. O povo é sempre bom e trabalhador. Algo se fez durante os 40 e tantos anos decorridos. Houve progressos.

Operários e intelectuais, jovens e estudantes de Alagoas procuram acompanhar os acontecimentos internacionais e estudar os problemas sociais e nacionais. Foram dados alguns passos no sentido de uma nova orientação para a arte e a literatura. Provam-no os romances de Graciliano Ramos sobre o nosso agreste e as poesias de Jorge de Lima sobre as paisagens, os costumes e os negros escravos de Alagoas.

O sonho de 1917 — a extração do petróleo alagoano — começa a converter-se em realidade. Erguem-se sondas. Dezenas de perfurações já foram feitas no subsolo. Trabalhadores nordestinos e alagoanos, ao lado de técnicos sulistas, construíram a importante usina hidrelétrica de Paulo Afonso.

Apareceram cidades florescentes. Ruas e bairros novos. Casas modernas. Muitas feiras têm um comércio ativo. Foram abertas estradas asfaltadas. Nelas, existe um movimento ativo de caminhões velozes, carregados.

Na agricultura, em certos lugares, empregam adubos e, pelo menos, arados puxados a bois, em lugar da enxada rotineira.

O sonho de 1918 — o renascimento floral dos tabuleiros — começa a realizar-se nos antigos semidesertos. Surgem, aí, casas e sítios risonhos. Pomares e plantações. Coqueiros e eucaliptos. Capinzais e canaviais. É um começo, embora ainda relativamente débil, espontâneo, sem método nem sistema.

Tais alguns dos aspectos progressistas de Alagoas nos últimos tempos.



Octávio Brandão ao lado de membros da Internacional Comunista em 1931

A ESTAGNAÇÃO

Apesar desses progressos, infelizmente o atraso, a pobreza e o desamparo ainda são profundos.

O petróleo de Alagoas ainda não foi aproveitado. Fizaram dezenas de perfurações. Mas, até agora, não forneceram um único litro ao consumo local ou nacional. Pairam sobre o petróleo estranhos “mistérios”. Ou o terreno perfurado não tem petróleo. Então, todo o esforço e as despesas se tornam inúteis. Ou o petróleo jorra sem pedir licença. Mas o poço é logo recoberto por uma camada sólida de cimento, e abandonado...

Os canais e as lagoas não foram dragados. O canal da Boca da Levada, onde, em 1916, tomei uma canoa e iniciei as viagens em busca de indícios de petróleo: foi aterrado pelo lodo. A tira de terra que defendia o Canal de Fora, em face da Ilha de Santa Rita: foi devorada pelo oceano.

A proteção à cerâmica e arte locais dos *coroplastas* — confeccionadores de objetos de barro: ficou no papel.

O reflorestamento e a defesa das matas existentes, o impulso à navegação e o aterramento dos pântanos, a desobstrução dos rios e a proteção às praias, a premunicação contra as inundações e outras calamidades: quase nada feito.

O trabalho, em 1917, não tinha estímulo. Nem o tem

no presente. O saneamento geral: bem pouco foi realizado. No combate às moléstias sociais como a sífilis e a tuberculose: ainda resta muito por fazer. O interesse pelos intelectuais: insignificante. A fundação de uma universidade para estudar os problemas nacionais: zero, mais zero. O despertar da consciência nacional: ainda é insuficiente no seio da imensa massa popular brasileira e alagoana.

Todos esses fatos e argumentos demonstram a necessidade imperiosa de recomeçar a batalha iniciada em 1917 por essas reivindicações, até convertê-las em realidade!



Octávio Brandão, em pé, o segundo da direita para a esquerda, funda o jornal A Classe Operária, do PCB, em 1925

A PENÚRIA E O RETARDAMENTO

Infelizmente, a realidade não se resume aos fatos assinalados. É mais terrível, complexa e dolorosa. É a realidade de Alagoas, de todo o Nordeste e de grande parte do Brasil. Aqui está diante de meus próprios olhos.

A Natureza é feita de contrastes. Os vales profundos e as altas montanhas. As matas luxuriantes e os tabuleiros semidesertos.

A sociedade também é feita de contrastes. Os operários e os milionários. Os camponeses e os latifundiários. Daí, choques, conflitos e contradições. A luta dos contrários determina e impulsiona o desenvolvimento da sociedade.

Mas as leis naturais não podem ser aplicadas no terreno da sociedade humana. As leis sociais são muito diferentes das leis naturais. São infinitamente mais complexas.

Os sistemas baseados na exploração do homem pelo homem não têm futuro nenhum. É necessário combatê-los!

Uns são ricos demais. Desperdiçam as riquezas sociais. Outros são pobres demais. Não dispõem do mínimo para viver. É imensa a desproporção.

Uns são altruístas, homens de ideal. Outros são egoís-

tas até a medula. E quanto mais ricos, mais ambicionam.

A pobreza é grande nas capitais. É muito maior no interior. Na região dos Canais e das Lagoas, a miséria sombria, doente e faminta, descalça e andrajosa, desfila entre os mangais e os alagadiços!

No Nordeste e em Alagoas, o nível geral de vida é baixo. A média geral de vida também é baixa. A natalidade aumenta. Mas a mortalidade devasta terrivelmente a população infantil. Perde-se o sacrifício das mães. Daí, a necessidade de medidas extraordinárias e esforços sobre-humanos para salvar as crianças, filhas do povo!

Por toda parte, o atraso e a rotina. A apatia e a pasma-ceira. A penúria e o retardamento.

Cidades em decadência. Vilas estagnadas. Choupanas de palha carcomidas pelo cupim. Casebres de taipa que vão caindo aos pedaços. Sítios, pomares e engenhos abandonados, como na zona da Lagoa Manguaba. A Natureza invade tudo. Recupera seus direitos. Anula o esforço humano.

As fábricas de Alagoas empregam máquinas arcaicas. Precisam ser reequipadas.

O combustível principal ainda é a lenha. É empregada não somente nas cozinhas, mas também em certas estradas de ferro do Brasil, em fábricas de tecidos, oficinas metalúrgicas, usinas elétricas e açucareiras. Ora, a lenha é um produto da devastação das florestas. Seu emprego intenso, como o do carvão vegetal, revela o profundo atraso econômico da região. E contribui para a maior miséria da região.

As estradas estão cheias de buracos. Ficam intransitáveis no inverno.

Os homens, durante séculos, ficaram prisioneiros de regimes sociais atrasados. Empregaram métodos primitivos. Criaram desertos. Tornaram-se os desertizadores do Brasil e de Alagoas. As matas foram destruídas pelas derrubadas e incêndios, coivaras e queimadas. Estão, em geral, reduzidas a pequenas ilhas no topo dos montes.

A erosão, aliada aos métodos pré-capitalistas, aprofundou o desgaste. O gado e, especialmente, as cabras em certas zonas, devoraram os rebentos. A terra foi-se esgotando. Hoje, as plantas selvagens — a malícia, a jurubeba e a tiririca — apoderam-se das terras cansadas. O sapé invade e domina as terras mortas ou, pelo menos, esgotadas. Daí, a necessidade do reflorestamento e readubamento das terras, dos métodos modernos da agronomia e da agrobiologia.

Até o presente, continua o velho monopólio da terra pelos grandes e médios proprietários. Puro anacronismo. Já passou de tempo. Não vive. Sobrevive. É uma sobrevivência feudal da Idade Média. Tem mais de 500 anos de atraso. Não tem futuro nenhum.

A monocultura obriga a comprar até mesmo os alimentos: o milho, o feijão, a farinha, que poderiam ser produzidos localmente.

Certos produtos de exportação — a agave da Paraíba, o cacau da Bahia e o café de São Paulo — entraram na órbita do mercado internacional. Portanto, ficaram sujeitos às variações, contingências e oscilações desse mercado, dominado pelos monopólios imperialistas. Daí, no- vos descalabros.

Na agricultura, o rendimento a produtividade é inferior.

As usinas açucareiras deveriam ser empresas modernas, adiantadas. Alagoas vê aumentar a produção de açú-

car. Mas, em suas usinas, diminui o rendimento por tonelada de cana. Isto demonstra que, nas próprias usinas, as máquinas e os métodos ainda são atrasados!

O trabalho é manual, sem máquinas, no plantio da cana-de-açúcar. É ainda mais manual e primitivo nas pobres casas de farinha e engenhocas de raspadura.

Os métodos continuam rotineiros por toda parte, mais de 40 anos depois. Assim sucede no cultivo dos coqueiros do litoral, nos canaviais da zona da mata, nos algodoais do agreste, nos arrozais do São Francisco e na criação de gado no sertão. Os jangadeiros do oceano, os pescadores do São Francisco, dos Canais e das Lagoas, recorrem aos velhos métodos do tempo dos índios Caetés. Daí, a necessidade de modernizar todos os sistemas de trabalho.

Ainda existe a coivara. É uma sobrevivência da época da comuna primitiva dos índios. Tem pelo menos milênios de atraso.

O instrumento principal de produção ainda é a enxada. É uma sobrevivência do passado morto. Tem séculos de atraso. Precisa ir sendo substituída, pouco a pouco, pelas máquinas e métodos modernos. A última enxada deverá ser oferecida ao Instituto Histórico de Alagoas, para ser colocada em seu museu, logo depois dos machados de pedra polida dos índios Caetés...

As pragas e saúvas devoram as plantações. O cupim rói o madeirame das casas.

As cercas variam conforme o nível de desenvolvimento. Às vezes, são grosseiras, de arame farpado — um “luxo”. Outras vezes, são ainda mais grosseiras, feitas de mulungu e aveloz. Ainda outras, feitas de pobres varas trançadas e amarradas com cipós. É uma herança da pobreza econômica dos índios.

A tração é de animais, com as cangalhas e com os antigos caçuás, os cestos dos índios.

As inundações do São Francisco arruinam as populações. Os governos limitam-se a simples paliativos, medidas de emergência.

Certos lugares foram instalados em terras foreiras. Pagam o *foro* — um cruzeiro por palmo de terra da casa de moradia. É um tributo feudal.

Os homens do povo consideram-se prisioneiros da “sorte”, do “destino” e da “fatalidade”. Tentam esquecer e afogar na cachaça as próprias desgraças. São golpeados pela sífilis que, por vezes, atinge o próprio cérebro, provocando a loucura. Compram brigas. Esfaqueiam-se por motivos insignificantes. Desperdiçam a bravura em atos estéreis. Vivem à mercê de capangas, pistoleiros e tocaieiros. A vida humana vale bem pouco...

A ideologia dominante, mais de 40 anos depois, ainda é a mistura bárbara do fetichismo dos tempos primitivos com a mística feudal da Idade Média europeia. No caso do fetichismo, tem milênios de selvagismo. No caso da mística feudal, tem, no mínimo, 5 séculos de atraso.

A população, deformada pela mística, trata mais do “céu” que da terra. É parca nas despesas com as escolas. É perdulária nos gastos com as igrejas e as festas religiosas.

Maceió tem tantos estudantes e intelectuais. Mas não dispõe de uma biblioteca pública que honre a capital. O Instituto Histórico tem museu e biblioteca. Mas não pode pagar sequer um funcionário. E ninguém o auxilia.

Alagoas tem necessidade imperiosa de três livros: uma boa geografia econômica, uma história real de Ala-

goas desde a comuna primitiva dos índios até o presente e uma boa história da literatura alagoana. Três livros de caráter científico, didático e progressista. Obra coletiva, de equipes, e não de “eruditos” isolados, vulgares e escolásticos!

Viçosa de Alagoas é a bela terra dos paus-d’arco de ouro, dos lindos cocais e pindobais. É o berço de intelectuais de valor. Segundo a tradição, em Viçosa foram travados os últimos combates do Quilombo dos Palmares e aí, na Serra do Bananal, pereceu lutando o imortal Zumbi.

Viçosa foi uma cidade florescente. Está desunida e desamparada. E sofre as consequências trágicas.

Teve uma instituição cultural — a Instrutora Viçosense, e não tem mais nenhuma. Dispõe de muitos estudantes e intelectuais, e não possui uma biblioteca pública. Já editou cerca de 40 jornais, e não edita nenhum. É uma cidade histórica, e não tem museu. Na própria cidade, a maioria da população é analfabeta e, no entanto, as professoras municipais são mal pagas e recebem com atraso. Por falta do pagamento das verbas o hospital fecha enfermarias, a Escola Normal e o Colégio de Viçosa suspendem as obras já adiantadas.

Viçosa emprega métodos rotineiros na agricultura e na pecuária. Dispõe de uma fazenda-modelo que poderia ser transformada em escola de agronomia. A estrada asfaltada, de Maceió a Palmeira dos índios, passa a 16 quilômetros da cidade e, entretanto, não a atinge. A luz elétrica é mortíça, de catacumbas e, no entanto, Viçosa dispõe das cachoeiras dos Rios Paraíba e Caçamba, e fica a esperar passivamente pela energia de Paulo Afonso...

Tal o quadro atual do Nordeste em geral, e de Alagoas

em particular, depois de 41 anos de ausência involuntária.

Todos esses fatos e argumentos provam a necessidade imperiosa de uma luta decidida para liquidar todo esse atraso, pobreza e desamparo!



João Cândido, o almirante negro, e Octávio Brandão

OS GRUPOS SOCIAIS

A classe operária não possui instrumentos nem meios de produção. É a classe do futuro, destinada a libertar-se e a libertar toda a Humanidade.

A classe operária de Alagoas tem uma bela tradição de luta, como se vê no livro *O Caminho*. Infelizmente, ainda é débil na quantidade. Tem uma vanguarda consciente. Mas, na maioria, vive enganada pelos seus inimigos de classe.

Os salários são baixos. A pobreza, grande. A organização, fraca.

Nas empresas agroindustriais como as usinas açucareiras, os operários agrícolas só podem viver do salário. Aí, muitos assalariados são temporários. Só trabalham na safra.

Levantam-se tarefas importantes no sentido de elevar a consciência de classe do proletariado!

Os camponeses são os melhores aliados da classe operária.

Existe uma camada de sitiantes e pequenos proprietários. Trabalham eles próprios com a família. Não podem pagar assalariados.

Mas os camponeses, na imensa maioria, são camponeses sem terra. Vítimas do monopólio da terra. Continuam a pagar aos proprietários rurais a renda pré-capi-

talista — paga em trabalho, em produtos ou em dinheiro. Não têm horta. Nem pomar. Não plantam para si sequer uma árvore. Nada os prende ao solo. São párias e estrangeiros na própria terra!

Os chamados moradores intitulam-se moradores de sujeição. Pagam a renda pré-capitalista em trabalho. Trabalham uns tantos dias na semana para o senhor. Mas recebem um salário. Deste modo, as formas pré-capitalistas entrelaçam-se com as formas capitalistas.

A renda paga em trabalho tem mais de 800 anos de atraso. Marx, em *O Capital*, assinala que é a forma primitiva e mais elementar da renda.

Os meeiros pagam a renda pré-capitalista em produtos, espécie, natureza.

Os chamados rendeiros pagam a renda pré-capitalista em dinheiro. Às vezes, são reduzidos a moradores. Empobrecem ainda mais. Ficam ainda mais sujeitos ao dono da terra.

Há camponeses que fazem também o cambão, isto é, um trabalho gratuito por comida.

Os camponeses moram isolados, em choupanas de palha e casebres de taipa. Não se aglomeram. Vivem dispersos, perdidos na imensidade...

Bebem a água das cacimbas. Sua luz é a dos tristes candeeiros de querosene. Por vezes, sua pequena lavoura é destruída pelo gado dos senhores.

As mulheres do povo vegetam na penúria. Trabalham como bestas de carga. Apanham o café e o algodão. Carregam feixes pesados de lenha. Continuam prisioneiras do passado morto, escravas das superstições, do fogão primitivo e do tanque, bacia ou gamela de lavar roupa.

Mas, na imensa maioria, não têm tanque. Vão aos rios e riachos, lavar a roupa. São analfabetas. Não podem ter vida espiritual. Vítimas de doenças graves. Envelhecem rapidamente. Encurtam a vida.

Todo esse quadro, que sobrevive 41 anos depois, explica o êxodo rural. Os camponeses deixam o Nordeste e Alagoas. Partem para São Paulo e o Paraná. Vão em busca de melhorias na vida.

Deste modo, levantam-se tarefas imensas no terreno da organização e educação dos camponeses.

Os imperialistas, isto é, os capitalistas estrangeiros e seus agentes dominam por toda parte. Nas companhias e monopólios. Nos postos de gasolina e perfurações do petróleo. No fornecimento de toda espécie de produtos.

O poder econômico e político continua nas mãos dos capitalistas, dos grandes e médios proprietários rurais. Apoderam-se dos postos. Os políticos dominantes têm vastas ambições e poucas munições...

Os capitalistas — donos de bancos, companhias, fábricas, oficinas e usinas açucareiras monopolizam grandes riquezas. São muito agarrados ao dinheiro. Têm uma visão estreita de classe.

A chamada “classe média”, isto é, a pequena burguesia urbana vegeta na pobreza envergonhada. Fica apenas com as migalhas...

Certas camadas de capitalistas e grandes proprietários rurais querem viver de rendimentos, sem trabalhar. Tornam-se verdadeiros ociosos e parasitas. São avarentos, unhas-de-fome. Não prestam serviço à coletividade. Nada fazem pelo desenvolvimento da coletividade. Pasam por um processo de degenerescência.

Os latifúndios como a Usina Brasileira devoram dezenas de propriedades, terras imensas abandonadas desde Atalaia até Viçosa. São estéreis, improdutivos.

Os grandes e médios proprietários rurais são, em geral, rotineiros. Ficam passivos, a esperar que os governos melhorem as estradas. Mas os governos fazem o mínimo.

Esses proprietários também empregam métodos atrasados. Empobrecem as próprias propriedades. Derubam as matas para plantar milho e cana-de-açúcar. Às vezes, cafeeiros dentro da mata.

A terra dá tudo. Nada recebe. Nem o auxílio das máquinas. Nem os adubos. Nem a irrigação. Desgasta-se. Esgota-se. No final, as plantas bravias — a malícia, a jurubeba e a tiririca tomam conta da terra. Quando nasce o milho, as espigas causam vergonha. O capim é afogado no meio das plantas selvagens. O gado fica magro e faminto. Não tem o que comer.

Os senhores-de-engenho empregaram métodos arcaicos, inclusive as antigas almanjarras, puxadas a bestas. Construíram igrejas. Nada fizeram pelas escolas.

O Engenho Ingazeira, em Viçosa de Alagoas, era um *revenant* — fantasma do passado morto. Continuou movido pela velha *almanjarra* até 1925 — no século da eletricidade e, posteriormente, da energia nuclear. Sofreu as consequências do próprio atraso. Acumulou dívidas. Para pagá-las, teve de entregar uma parte importante das terras. A família arruinou-se.

Cinquenta anos depois, voltei à Ingazeira. Nada encontrei. O local do engenho foi coberto pelo brejal. O lugar da casa-grande foi ocupado pela capoeira selvagem. Lição tremenda! O Tempo e a Natureza devoraram tudo...

Os senhores-de-engenho caíram em decadência. Tornaram-se criadores de gado e simples plantadores de cana. São fornecedores de cana às usinas. Vivem à mercê dos usineiros. Plantam cana e, no entanto, consomem açúcar de qualidade inferior.

Os criadores de gado empregam, igualmente, métodos atrasados. A pecuária é extensiva. Exige terras imensas. Os animais têm de procurar o próprio alimento, no meio da malícia. Vegetam à doida. Não têm rações. Nem tratamento. Vivem expostos às bicheiras e epidemias como a da febre aftosa.

Nas antigas casas de farinha, tudo é rotina e abandono. O trabalho, penoso. As crianças ficam entregues a si mesmas. As mães, na faina, aperreadas. A mandioca é dura. A roda, ruim, pesada, emperra. A corda, velha, rompe-se. A lenha, verde, molhada, não quer pegar. A água das goteiras pinga no forno e estraga a farinha. Ó desgraça!

Em Alagoas, por toda parte, predomina o pré-capitalismo...

Tal o quadro doloroso que tenho diante dos olhos.

Todos estes fatos e argumentos demonstram a necessidade imperiosa de esforços imensos e de uma luta tremenda para libertar Alagoas e todo o Nordeste, de tanto atraso, pobreza e desamparo!

AS REIVINDICAÇÕES

Em face da situação atual, levantam-se novas reivindicações.

Para a região dos Canais e das Lagoas:

O progresso da navegação. A modernização da indústria da pesca. O saneamento geral. O desenvolvimento econômico e financeiro, político e social, moral e intelectual das populações.

Para os operários e operárias industriais e agrícolas:

O melhoramento radical das condições de vida e trabalho. A organização sindical em massa. A revisão radical das leis trabalhistas e sua extensão aos trabalhadores rurais. A mais alta e a mais profunda consciência de classe.

Para os camponeses e camponesas:

Um pedaço de terra para cada família camponesa. A assistência econômica e financeira, política e social, técnica e jurídica, moral e intelectual. A liquidação das sobrevivências pré-capitalistas.

Para os intelectuais:

O melhoramento geral das condições de vida e trabalho. A elevação do nível cultural.

Na indústria:

O renovamento e a modernização das máquinas.

Na agricultura:

O estudo científico do solo, em vista do seu máximo aproveitamento. O adubamento e a irrigação. O plantio racional e sistematizado de sementes selecionadas. A policultura. A introdução de tratores e máquinas agrícolas modernas.

Na pecuária:

Os métodos mais aperfeiçoados.

Finalmente, a última palavra da ciência e da técnica em tudo e por tudo!



Laura Brandão e Octávio Brandão no casamento em 1921

O OBJETIVO DETERMINANTE

A nossa história de epopeias e as paisagens grandiosas do Brasil devem inspirar pensamentos grandiosos.

Precisamos de uma nova política nacional, de uma nova política econômica e do saneamento das finanças. Novo regime social. Novos homens. Outros partidos. Outras classes no poder.

Hoje, além dos antigos, surgem novos problemas e reivindicações. Quais?

Transformar o Brasil numa grande potência mundial socialista — uma potência agroindustrial, marítima e continental. É o objetivo histórico determinante.

Para isto, é necessário travar a batalha *preliminar* pelo futuro do Brasil, ao mesmo tempo, em 6 frentes principais:

1^a A libertação nacional, contra o imperialismo norte-americano.

2^a A solução da questão agrária em geral e da questão camponesa em particular, a liquidação das sobrevivências feudais.

3^a A educação do povo brasileiro, a liquidação do analfabetismo, o combate ao obscurantismo e às superstições, a disseminação dos conhecimentos científicos.

4ª A verdadeira industrialização do Brasil, o progresso de Alagoas, a luta pelo petróleo, pelas riquezas naturais, industriais e agrícolas.

5ª A luta pela saúde do povo.

6ª O impulsionamento aos transportes.

São 6 frentes de batalha, ao mesmo tempo, e não uma só!



Octávio Brandão participa de um comício no Rio de Janeiro

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Já em 1917, uma das ideias centrais de *Canais e Lagoas* era a necessidade de descobrir o Brasil. Era o sonho dos meus 20 anos. Este sonho converter-se-á em realidade!

O Descobrimento do Brasil significa:

Estudar e conhecer a fundo as ciências naturais e as ciências sociais. Desbravar a terra brasileira. Descobrir e valorizar as riquezas sociais, morais e espirituais do povo brasileiro.

Realizar *gradualmente* a verdadeira industrialização — a mais poderosa siderurgia, a mais alta metalurgia, a indústria pesada, a construção de máquinas, a produção de meios de produção.

Descobrir e utilizar em grande escala: Os metais. Os minérios como a hematita do ferro. As reservas de tório e urânio. Os combustíveis como o carvão e o petróleo. Os adubos. Os produtos químicos de toda espécie. Os materiais de construção. Todas as matérias-primas industriais — a borracha e o algodão. Todos os produtos agrícolas — os cereais. Todas as forças da Natureza — as energias do sol e do mar, dos ventos e das quedas d'água. Para descobrir, valorizar e civilizar o Brasil, era e é preciso:

Armar-se da técnica mais avançada.

Criar quadros de técnicos que tenham a mais profunda especialização e, ao mesmo tempo, a cultura geral — a visão geral da vida, do universo e da sociedade.

Recorrer à energia nuclear para impulsionar a indústria, a agricultura, os transportes, a eletrificação, a prospecção das riquezas naturais, a higiene, a terapêutica e a profilaxia.

Fabricar máquinas modernas. Quais?

Aviões e automóveis. Locomotivas e navios poderosos. Motores elétricos e turbinas hidráulicas. Geradores e transformadores de alta potência. Tornos mecânicos e máquinas-ferramentas. Fresadoras e operatrizes. Escavadeiras modernas para o carvão e perfuratrizes para o petróleo. Aparelhos eletrônicos e reatores nucleares. Tratores e ceifadeiras-debulhadoras.

Tudo isto nas mãos de empresas nacionais, e não nas garras do capital estrangeiro e monopolista.

APELO VEEMENTE E APAIXONADO

A fim de travar essa grande batalha pelo futuro do Brasil e de Alagoas, é imprescindível, como preliminar:

1º Unir solidamente os brasileiros e alagoanos, congregá-los em nome da fraternização nacional.

2º Adquirir a mais alta e a mais profunda, a mais vasta e a mais complexa consciência nacional.

3º Conquistar, na grande luta, a libertação nacional do Brasil.

Neste terreno concreto, é preciso colocar de lado quaisquer divergências políticas, religiosas e ideológicas.

Nesta batalha, existe um lugar de honra para todos: Para os verdadeiros patriotas e humanistas. Democratas e revolucionários. Progressistas e nacionalistas. Operários e camponeses. Estudantes e professores. Técnicos e cientistas. Médicos e engenheiros. Teóricos e práticos. Artistas e escritores. Jovens e mulheres trabalhadoras. Caboclos, negros e mulatos. Católicos e protestantes. Espíritas e livres-pensadores.

Levanto bem alto a mão direita para saudá-los calorosamente. Estendo para todos eles a mão fraternal, em face do caminho imenso do porvir aberto para todos!

